



LINDA KOHEN



# LINDA KOHEN

---

O SILÊNCIO REVELADO

JUAN MANUEL BONET

1ª EDIÇÃO  
SÃO PAULO  
DAN GALERIA  
2011

## SUMÁRIO



Linda Kohen

Linda Kohen - Pintura sem adjetivos Juan Manuel Bonet	7
Obras	22
Relação de exposições individuais e coletivas	66
Relação das obras	69

LINDA KOHEN:  
PINTURA SEM ADJETIVOS

Juan Manuel Bonet



Série TTG- Naturaleza muerta con Afiche Muestra del TTG, 1958

Trajectoria de vida intensa a de Linda Olivetti de Kohen, mais conhecida por seu nome artístico “Linda Kohen”, pelo qual a partir de agora a ela vou me referir: da cidade natal de Milão a Montevideu, Buenos Aires, São Paulo, Montevideu novamente... Difícil século XX; século de siglas, século de totalitarismos, século de perseguições, século de exílios.

Contra ventos e correntezas, Linda Kohen tem, no entanto, sabido construir um itinerário pessoal com a pintura; pintura de raiz autobiográfica, pintura sem adjetivos, pintura com cada vez menos adjetivos. Itinerário esse que agora será mostrado simultaneamente em Buenos Aires, Miami, Montevideu e em São Paulo na Dan Galeria, para a qual escrevo estas linhas e cuja relação com a pintora data dos já distantes anos oitenta.

Nascida em 1924 na cidade italiana com a qual Stendhal mais se identificava – “Arrigo Beyle, milanese” –, Linda Kohen chegou ao porto de Buenos Aires com seus pais em 1939. E, de Buenos Aires, no ano seguinte, mudaram-se para o porto exatamente em frente: Montevideu. A família fugia das novas leis raciais, da perseguição anti-judaica que o regime fascista de Mussolini, até então tolerante a respeito, começava a praticar tal qual os nazistas. Perseguição anti-judaica italiana que traz à memória dos leitores de Giorgio Bassani seu impressionante ciclo *A novela de Ferrara* e o filme de Vittorio de Sica inspirado no *Jardim dos Fizzi-Contini*, o mais célebre dos livros que o integram.

Paradoxalmente, as mesmas circunstâncias levam até a outra margem do Rio da Prata, também em 1939 – e neste caso, de modo inverso – primeiro Montevideu, logo Buenos Aires onde reside por muitos anos – a própria Margherita

Sarfatti; crítica de arte, fascista, ex-amante de Mussolini, promotora da pintura do Novecento.

Na sua pátria adotiva, a adolescente expatriada começou a estudar os princípios do ofício da pintura, uma pintura que em Milão e graças a seu pai, tenor e pintor “amateur” com quem visitava museus e igrejas em busca da obra de mestres antigos, havia começado a acalentar como vocação. Seu primeiro mestre foi, em seu estúdio da Plaza Independencia, Pierre Fossey, um pintor e desenhista francês estabelecido em Montevideu por amor. De Fossey, nós, os aficionados aos papéis antigos, conhecemos seus simpáticos livros de aquarelas naturalistas sobre Buenos Aires, Punta del Este e a própria capital uruguaia, cujo ritmo tão peculiar soube captar entre certo “vedutismo”, que tem a virtude da precisão, e uma maior jovialidade e estilização. O mestre seguinte da aspirante a pintora foi Eduardo Vernazza, filho de imigrantes italianos, outro cronista menor da vida urbana – o porto, o Candombe, tão importante para o grande Pedro Figari – e, sobretudo do teatro, ao qual dedicou metade de sua vida e vários álbuns. Tudo isto compatível com sua crítica de arte no *El Día* de onde saíram grande parte de suas vinhetas teatrais e em cuja redação ingressou nos anos trinta como cronista gráfico de sucessos.

Mas, o passo seguinte que Linda Kohen e seu marido Rafael Kohen – nascido na Turquia, com quem se casou em 1946 – deram, foi o mais importante: cruzar o Rio da Prata para a cidade vizinha de Buenos Aires (1946-1948), e nela ir até o estúdio de Horacio Butler na Plaza Vicente López. Horacio Butler, um dos nomes relevantes da geração argentina dos anos vinte, havia vivido na Paris do entre guerras. Anos de aprendizagem naturalista com predominância de retratos e naturezas mortas.

Como com tantos outros pintores uruguaiois de várias

gerações, o encontro de Linda Kohen com o Taller Torres-García (TTG) foi inevitável. Ela ingressa no *atelier* em 1949, o mesmo ano da morte de seu fundador, com o qual não chegou a se relacionar – embora ainda estivesse vivo, Torres Garcia estava muito doente e não aparecia por lá... – E era lá onde, usando suas próprias palavras, reinava uma atmosfera “muito austera, muito especial [...], como que religiosa”.

Ali foram importantes para ela os ensinamentos de Julio Uruguay Alpuy, que exigia de seus alunos um grande domínio do desenho; de José Gurvich, filho de imigrantes lituanos que sempre refletiu muito sobre suas raízes judaicas – cujo *atelier* do Cerro, na periferia da capital ela frequentou – e de Augusto Torres, pintor secreto e estimado, primogênito do mestre.

Como terão ocasião de comprovar os espectadores da exposição que o presente catálogo documenta, a natureza morta foi um dos gêneros mais desenvolvidos por Linda Kohen durante os anos cinquenta. Gênero exigente, cujos princípios aprendeu com Butler. E, em uma dessas naturezas mortas, de 1958, rende uma homenagem ao TTG: entre os objetos representados, um cartaz anuncia uma mostra do mesmo. Em outros aparecem garrafas, caixas, vasos, floreiros...

A própria cidade de Montevideu é objeto de boa parte da obra “fifties” de Linda Kohen. Montevideu, uma das cidades mais bonitas do novo mundo, já tinha então uma rica iconografia, na qual – além de ilustradores como Fossey e Vernazza – ocupam um lugar destacado Figari, a *planista* Petrona Viera, a vizinha argentina Norah Borges – diante de seu delicioso *Montevideo* (1929) comprovamos que amava tanto a cidade como seu irmão – e naturalmente, o próprio Torres-García, que gostava especialmente de representar as arquiteturas móveis dos navios cargueiros e de cruzeiro no porto. A pintora, nesses seus anos de aprendizagem se aproxima das ruas e praças da capital uruguaia, do ruído de seu

trânsito, de seus letreiros – por exemplo, o do Bar Bilz – e neons, das quintas antigas de recreio, do Teatro Solís, e do porto também. Faz isso com uma linguagem claramente influenciada pelo modo torresgarciesco, desse estilo peculiar que, no caso do mestre, nasceu durante os anos 10 e 20 na Barcelona “vibracionista” compartilhada com seu compatriota Rafael Barradas, e que logo “aplicou” a Nova York e a Paris. Mas, pouco a pouco, Linda Kohen foi se permitindo maiores liberdades com relação ao modelo TTG, algo que, por exemplo, se reflete na atmosfera ocre e cinza, de alguma forma reminescente da arte de Filippo de Pisis, a qual banha a sua visão do citado Teatro Solís, ou certas representações de edifícios insignificantes furados por dezenas de janelas: imagens que já anunciam o italianismo de etapas mais tardias de seu trabalho.

Com o passar do tempo, Linda prescindiu completamente de tudo aquilo que na sua pintura se assemelhava em excesso a seus Mestres do TTG e ao próprio Torres-García. Acentuando, ao contrário, uma dimensão mais de autobiografia e de diário, de indagar sobre a pintura em seu próprio eu, na sua subjetividade, na sua intimidade.

Nos anos setenta, quando se aproximava do seu cinqüentenário, decidiu renunciar a outras atividades paralelas – havia sido professora de inglês e havia participado de um programa televisivo dedicado a moda – para concentrar-se definitivamente na pintura. Teve a coragem de sair completamente dos caminhos já trilhados do estereótipo TTG, para acessar um espaço mais aberto.

A curto prazo perdeu a comodidade que outorga o enquadramento, mas a longo prazo, conquistou a independência, a possibilidade de ser ela mesma, fora das escolas.

Outra aluna judia do TTG seguiu um processo parecido, sua cunhada Eva Olivetti, nascida Eva Brager na Berlim de

1924, e trasladada também para Montevideu em 1939, ano em que a Segunda Guerra Mundial começou levando consigo o que Stefan Zweig chamou de “o mundo de ontem”. Eva Olivetti, com quem Linda Kohen coincidiu no TTG e com quem saiu muito para pintar “sur le motif” pelas ruas e cercanias de Montevideu, também encontra seu próprio caminho: visões urbanas essenciais, luminosas, frágeis, como que em voz baixa e como que habitadas por uma estranha imobilidade.

No caso de Linda Kohen, os princípios de sua evolução até as abordagens que hoje, quarenta anos depois, seguem sendo suas, datam do começo dos anos sessenta, época da sua primeira individual (Galeria Moretti, Montevideu, 1971), integrada por vistas, de dominante branca, de Montevideu e de outras cidades e povoados uruguaios.

São de 1974, por exemplo, uma série de preciosos “tableautins” metafísicos nos quais reduz os edifícios ao mínimo concedendo às portas e janelas grande protagonismo. No catálogo de sua individual de 1975 na Galeria Trilce de Montevideu, aparece um desenho em que um edifício se converte em uma trama abstrata branca e azul, um puro suceder de janelas. Do ano seguinte é o ciclo *Caminos*, evocação encantadoramente elementar de certo mundo rural uruguaio contemplado por ela em suas viagens a Paisandú, onde então vivia sua filha. A partir dessas datas, a pintora vai se acostumar a trabalhar por séries.

Uma das primeiras séries importante nesse processo de diferenciação, crescimento e amadurecimento definitivo da pintura de Linda Kohen, foi aquela intitulada *Las horas* (1976-1979), na qual, vendo sua vida cotidiana ameaçada pela ditadura militar uruguaia, decidiu traduzir na pintura a ordem desta vida, o passo das horas em sua casa, um dia qualquer “anterior ao 7 de maio de 1977”, a data de sua partida. Apegar-se ao mais cotidiano, ao mais próximo, antes

que conclua o tempo da serenidade. “Todo esse meu mundo – escreveu a pintora num texto de 2001, no qual com o intuito de apresentar *El gran biombo*, repassa as distintas etapas de seu trabalho – que eu sentia que ia desaparecer”. Interiores e naturezas mortas, cotidianos, *normais* a não poder mais. Naturezas mortas pintadas pensando em Giorgio Morandi: “esses objetos silenciosos e metafísicos pareciam querer se aproximar dele, ao espírito de sua obra”. O telefone, fora do gancho. A máquina de escrever portátil. Um prato com um peixe. Um despertador e ao lado um copo de água com uma pílula. Um livro aberto e por cima óculos de leitura. Outro livro e junto a ele uma taça de cognac. Vários mais em uma estante. O jornal montevideano *El Día* pregado junto à cafeteira. E assim sucessivamente. Tudo isso representado sobriamente, brevemente em brancos, cinzas e ocre. Um projeto lindo e ao mesmo tempo terrível – *insegurança, angústia e até medo* são as palavras que brotam sob o pincel da pintora na hora de evocar as circunstâncias em que foi levado a cabo. E que de repente me traz à memória uma das leituras que mais me impressionaram nestes últimos meses, entre outras coisas porque a empreendi em Cracovia: os diários íntimos de outro judeu, Viktor Klemperer, na Dresde dos anos nazis, aonde vão se fechando, uma a uma, todas as portas e onde a partir de um determinado momento a morte se aproxima a cada instante. Embora ela não tenha passado por momentos tão extremos como aqueles pelos quais que passou Klemperer, quando falo de vida ameaçada não estou falando por falar, não estou utilizando uma figura retórica: após um tempo errante (1977–1978) passado entre os Estados Unidos e Europa, em 1979, Linda Kohen e seu marido decidem instalar-se em São Paulo.

Numa série de colagens do próprio ano de 1979, Linda Kohen falou sobre o impacto que a megalópole recém des-

coberta e adotada como lugar de residência havia produzido. Os altos arranha-céus, as colméias humanas, as janelas iluminadas à noite... Ali teve a sorte de ser apoiada, entre outros, pelo grande Pietro Maria Bardi, que em 1981 organizou uma individual sua no MASP, do qual durante tantos anos foi diretor e onde a ítalo-uruguaia, que vivia perto e que também havia aparecido no ano anterior na coletiva *Itália-Brasil*, voltaria a comparecer sozinha em 1988 numa exposição de caráter retrospectivo. No prólogo do catálogo, Bardi, novamente salienta a capacidade da pintora para buscar a pureza, “procurando reduzir as coisas a um absenteísmo de movimento e de som”. Em 2009, Linda Kohen participa de *A natureza das coisas*, uma das mostras comemorativas do sexagésimo aniversário da tão prestigiosa instituição, mostra centrada na paisagem e na natureza morta e no riquíssimo acervo da pinacoteca, na qual, numa panorâmica abarcadora de vários séculos, se viram também obras de Cézanne, Constable, Corot, Max Ernst, León Ferrari, Othon Friesz, Gainsborough, Vincent van Gogh, Guignard, Kokoschka, Fernand Léger, Magnasco, Marquet, Matisse, Monet, Monticelli, Max Pechstein, Picasso, Frans Post, Ruysdael, Carlos Scliar, Soutine, os Taunay, Torres-García, Toulouse-Lautrec, Turner, Utrillo, Vlaminck, Vuillard, Anatol Wladyslaw y Félix Ziem, entre outros, um elenco certamente de luxo.

P.M. Bardi, como assinava, foi uma das autoridades artísticas mais importantes no Brasil da segunda metade do século XX; a outra foi o ex-trotskista Mário Pedrosa. Italiano, certamente (recordar seu livro de 1933 *Un fascista al paese dei Soviets*), tal como sua mulher a genial arquiteta Lina Bo Bardi, autora do edifício do MASP, e como a própria Linda Kohen. São Paulo: sempre um *melting pot* de culturas.

Apresentando a primeira mostra de Linda Kohen no MASP, Bardi indica que a pintora estava “dedicada quase ex-

clusivamente a temas de vida caseira”, temas que “reduz na simplicidade de um ver ingênuo, porém distinto por uma sensibilidade que parece prevalecer num delicado toque de brancos e cinzas”. Entre os quadros expostos, alguns da já aludida série *Las horas*. E, mais de um cavalete sobre o qual repousa uma tela em branco. Outros com figuras, entre elas um retrato de sua mãe e vários outros pertencentes ao ciclo *Soledades* (1980-1981), colocado sob a invocação de Lope de Vega e dos versos de “A mis soledades voy, / de mis soledades vengo, / porque para andar conmigo / me bastan mis pensamientos”, onde se insiste na linha de afirmação da própria subjetividade, do próprio eu.

Auto-retratos tomados com uma câmera subjetiva (Roberto de Espada *dixit*), que apresentam a particularidade de não ter por objeto o rosto, mas o corpo contemplado com um olhar abrangente de camisola, braços, mãos, pernas, pés, sapatos, e até os óculos, o cristal por meio do qual se vê...

Uma exposição importante na trajetória de Linda Kohen foi a de 1982, na celebrada Dan Galeria, de São Paulo, então situada no bairro dos Jardins, na Alameda Ministro Rocha Azevedo, perpendicular, precisamente, à Av. Estados Unidos. No catálogo que Peter Cohn editou para a ocasião, após um breve texto da pintora, se documentam fotograficamente, em cores, vinte e cinco das trinta e sete telas expostas. Telas que, como as da série *Las horas*, contam do próprio domicílio, o *Apartamento 141*, ocupado pelos Kohen durante seus anos paulistas: o quarto com o abajur, o armário com os pratos empilhados, o guarda roupas com os lençóis e toalhas limpos, a cozinha de gás com uma chaleira metálica sobre o fogo, a batedeira, a cesta de pão, o rádio, a cafeteira (recordar o ciclo de *Cafeteras* com o qual o venezuelano Alejandro Otero transitou nos anos quarenta, para a geometria, para seu peculiar construtivismo)... Tampouco falta a representação do ambiente em

que a casa da pintora se distingue de outras: o barco de terebintina, os utensílios de pintura, a mesa com a gaveta repleta de papéis de diferentes formatos, os quadros na reserva, alienados, em perfeita ordem, um tema, este dos próprios quadros como motivo de pintura, que também foi abordado por outro sobrevivente do TTG, Sergio de Castro...

Algumas dessas telas são de atmosfera sombria, por exemplo, a intitulada *Ventana*, na qual por trás do cristal adquirem protagonismo o exterior, a noite urbana e seus mistérios. Na maioria deles, no entanto, abre caminho uma maior luminosidade, uma maior brancura, proporcionada em muitos casos pelos próprios objetos escolhidos: os pratos de louça, os lençóis, as toalhas... O modo de representar todas e cada uma dessas realidades é exatamente sintético, sucinto, moderno. Extraordinária a maneira deliberadamente desvaída, com muitos brancos, de resolver quadros como *Roupeiro* ou como *Toalhas*. Não faltam ressonâncias a Morandi, um pintor que ela mesma cita e que também tem sido mencionado tanto pelo crítico argentino Raúl Santana - num texto de 1991 para o catálogo de uma individual, à qual farei referência logo, a de 1991 em Moretti (onde Santana elogia a “quase minimalista economia de meios” da pintora), - como por Roberto de Espada no mesmo catálogo, ou mais recentemente pelo uruguaio Nelson Di Maggio num artigo do jornal montevidense *La República*. Mas a busca de elementariedade nos afasta do *bolonês*, para introduzirmos num território mais seco, o de certa figuração “sixties” paralela ao “pop art”. E temos que pensar que aquela década viu crescer nos Estados Unidos projetos com o de meu querido Alex Katz na Costa Este, ou o de Wayne Thiebaud - grande bo-degonista - na Oeste. O estilo Linda Kohen não tem nada a ver com o desses dois mestres norte-americanos, felizmente ambos em atividade, dos quais é coetânea. No entanto, acho



que há uma comunidade de pensamento. Ela também chegou a ser ela mesma conectando-se com o rio intemporal e universal da pintura; e ela também conseguiu fazer uma pintura que traduz sua visão, pessoal e intransferível do mundo.

Em 1984 Linda Kohen expôs na Galeria Bonino do Rio de Janeiro (*Homenagem a Kafka*). No ano seguinte expôs em Washington, no Museum of Modern Art of Latin America, o museu da OEA: em ambos os casos com Bardi como prologista do catálogo, que no primeiro define sua pintura, muito pertinentemente, como de “natureza silenciosa”, Não devemos esquecer que Bardi havia sido amigo de Morandi, para quem conseguiu em 1957, o Grande Prêmio da Bienal paulista. A inquietante série *Homenaje a Kafka*: o processo, grupos de pessoas conversando, um orador diante de uma sala vazia, um tipo de óculos escuros lendo o jornal num café, uma carteira ou uma bolsa de mão abandonados precipitadamente... Uma arte de certa intencionalidade política, com ecos evidentes das situações de angústia passadas por ela – e pelo povo uruguaio em geral – durante os anos da ditadura, numa época em que se viviam situações semelhantes no resto dos países do Cone Sul, numa época em que se viviam: “os momentos de angústia, de medo e de dor que havíamos vivido”. Também em 1984, no catálogo de sua mostra no Museu Municipal Juan B. Castagnino da cidade argentina de Rosario, Linda Kohen proporciona estas chaves de leitura de sua obra, num tipo de poema escrito todo em minúsculas: “mi persona, seres queridas, / algo de mi casa, mis cosas, / o sea, parte de todo aquello / que hace que yo sea yo” (“minha pessoa, ser querida, / algo de minha casa, minhas coisas, / ou seja, parte de tudo aquilo / que faz que eu seja eu”). De 1985 é seu entranhado *Autorretrato con padre* – o pai, que no quadro dá a mão a sua filha, havia falecido trinta anos antes – pertencente ao ciclo – que abarca

também o ano seguinte – *El hombre en la ciudad*, onde aprofunda a sua visão da megalópole, da colméia. Arquiteturas em alguns casos com reminiscências torresgarciescas, janelas iluminadas, elevadores, escadas rolantes, barulho de tráfego: tudo puro São Paulo... Figurações às vezes de uma elementariedade que traz à nossa memória esse maravilhoso novecentista brasileiro convertido em geômetra – em geômetra nunca frio – que foi Alfredo Volpi.

Outro ciclo de naturezas mortas importantes na evolução de Linda Kohen é nos anos 1987-1988 – em 1985 o casal havia retornado a Montevideu –, o das *Cajas*, onde reduz ainda mais o campo de visão, centrando-se nesses objetos sempre misteriosos. A caixa é em si mesma um gênero, quando é utilizada como o faz outro norte-americano, como microcosmo poético. Me refiro naturalmente a Joseph Cornell. Mas Linda Kohen não vai por aí. A caixa para ela é um pretexto para um exercício da pintura pura, no qual retoma algumas de suas próprias buscas da época do TTG. Por exemplo, em sua produção de 1954, encontramos um quadro intitulado *Caja*, de espírito muito similar a estes da segunda metade dos anos oitenta.

A propósito de certos traços italianizantes e mais especificamente metafísicos na pintura de Linda Kohen – aos quais fiz alusão ao referir-me a sua visão do Teatro Solís e a algumas outras pinturas suas inspiradas em Montevideu, ou a seus “tableautins” do começo dos anos setenta, ou a *Las horas* – temos que lembrar que ela não foi a única pessoa vinculada ao TTG a manifestar interesse pelos postulados do movimento fundado em finais dos anos 10 por Giorgio de Chirico. Movimento esse que teve sua primeira plataforma na revista *Valori Plastici* e que irradiou sobre um Novecento que certamente logo seria ensinado no Rio da Prata pela citada Margherita Sarfatti, em sua grande mostra novecentista

de 1930, no Museo de Bellas Artes de Buenos Aires. Tanto Torres-García como Augusto Torres ou Gonzalo Fonseca, se contagiam, em alguns momentos de suas respectivas trajetórias de acentos chiriquianos.

O mais explicitamente metafísico – e ao mesmo tempo o mais próximo à geometria – da produção toda de Linda Kohen é, em 1991, logo depois de as *Cajas*, o formoso ciclo *El Peñasco*, exposto na Galeria Moretti de Montevideu. Ciclo no qual a pintora evoca a atmosfera reinante nessa *chácara*, nessa casa vermelha que se levanta não muito longe de Punta del Este, numa colina entre Maldonado e San Carlos. Casa projetada pelo grande arquiteto funcionalista uruguaio Julio Vilamajó, e reformada por outro nome importante, o exilado catalão Antonio Bonet Castellana. Casa adquirida no casamento em 1968, reencontrada após o retorno ao Uruguai democrático, e que bem poderia ser objeto de alguma novela ou saga. De repente penso na própria América Latina, num texto tão povoado de enigmas como *La última niebla* (1934), da chilena María Luisa Bombal –, até tal ponto se adverte a intensidade da vida vivida nela, vida na qual um capítulo importante foi ocupado pelo estabelecimento agropecuário de Rafael Kohen. Ciclo que remete a certas torres vermelhas de Giorgio de Chirico, a certas coisas de Carlo Carrà pós-futurista, ou o mais interessante do trabalho, nos anos trinta (casas vermelhas, homens vermelhos) de Aligi Sassu, um pintor que acabaria instalando-se no campo em Mallorca. A grande casa vermelha de Punta del Este, sua arquitetura maciça e elemental sobre a qual brinca a luz – mas também são muito interessantes as versões noturnas, com janelas iluminadas –, suas persianas e cortininhas, a natureza tal como se contempla desde o interior, são o ponto de partida para sutis “variações sobre um mesmo tema”... Ali muitas vezes a pintora retratou

sua mãe, que em 1996 ainda compareceu às comemorações de seu próprio centenário – falecendo dois anos depois –, e que naquelas sessões citava amiúde uma frase de Edmondo De Amicis a sua própria mãe: “se fossi pittore farei tutta la vita il tuo ritratto”. Em 2009 – ano do falecimento de seu marido – Linda Kohen mostrou ali parte de sua obra.

Se a arquitetura vermelha do Penhasco convidava à máxima austeridade e concentração, os quadros do mesmo ano de 1991 inspirados em San Carlos, ao contrário, são de uma aparência mais amável e sedutora. Algo lógico levando em conta a policromia das casas típicas, ou pelo geral de plantas nas quais foi reparar a pintora. Casinhas que são irmãs das de Montevideu pintado por Figari o por Norah Borges. Clima idílico, feliz, e ao mesmo tempo enigmático o desta série, na qual tem especial protagonismo o céu, invariavelmente azul, e pelo qual avançam escassas nuvens, elas também italianizantes, metafísicas. Nuvens que prefiguram as que em 1995 ocuparão inteiramente a superfície de algumas telas. Clima feliz: San Carlos como cenário, como lugar com certa “joie de vivre”, certa doçura de viver muito para “poemas da província”, tudo modesto e íntimo como sabe ser às vezes, ainda a estas alturas, a província latino-americana, na qual o passado se torna presente, na qual se tem a sensação de viajar no túnel do tempo...

Ao longo dos anos 90 e 2000, a pintora, novamente residente no Uruguai, seguiu pintando, com seus característicos ocre, cinzas e brancos; corredores, portas, portas entreabertas, escadas, sofás, maletas com velhas cartas ou fotografias familiares, naturezas mortas com mate, camas desfeitas – no ciclo de 2002-2003, ao qual em alguns casos se incorporam lençóis de verdade –, mesas convidando para serem compartilhadas, auto-retratos, cenas protagonizadas por executivos estressados, homens no bosque ou no mar...

Homenagens também. Entre elas uma a Hilda López, outra interessante pintora uruguaia de sua geração, outra pintora errante – na Espanha frequentou Jorge Oteiza, e também residiu um tempo em Lisboa –, e uma amiga cujo exemplo, como ressaltou María Luisa Torrens, constituiu uma referência importante para a ítalo-uruguaia, que lembra como um momento muito especial de sua carreira, uma coletiva de quatro mulheres no Museo de Arte Americano de Maldonado, em 1992, iniciativa de seu fundador, o pintor Jorge Páez Vilaró, na qual participaram Hilda López, Eva Olivetti, la argentina Sofía Sabsay, e ela mesma.

Certa dimensão ternamente narrativa está presente no ciclo de 2008 *Un día en la vida de una mujer*, cujo título indica sua intencionalidade feminista e crítica. Antes, recapitulação e culminação de seus ciclos de naturezas mortas e interiores havia sido em 2000-2001, seu já aludido *Gran biombo*, quadro-objeto composto por 14 painéis ou folhas – os biombos em espanhol têm folhas –, fruto da contemplação de um interior – com homenagem incluída a Torres-García– desde muitos pontos de vista e sucessivamente exposto em 2001 no Ministério de Educación y Cultura de Montevideo, e no Centro Cultural Borges de Buenos Aires.

Em 2007 no Centro Cultural de España em Montevideu e em 2008, no Palais de Glace, também na capital argentina, se viu seu *Laberinto*, consequência direta do *Gran biombo*: uma construção tridimensional complexa e borgiana, inteiramente pintada de preto e que coexistia com alguns quadros.

Ao longo das duas últimas décadas, Buenos Aires tem sido especialmente receptiva à arte da pintora cujo trabalho tem ocupado ainda, em 1994 o Museo de Arte Moderno, em 1998 o Centro Cultural Recoleta, e novamente em 2010, pela segunda vez o Centro Cultural Borges.

Naturezas mortas, caixas, interiores, mesas, ruas desertas, arranha-céus com uma janela iluminada... Do silêncio à pintura. Uma tradição: Vermeer, Chardin, o danés Hammershoi, o belga e o simbolista Ferdinand Khnopff... Silêncio, no século XX, em Morandi, em Rothko o sublime, no espanhol Luis Fernández que pintou rosas geométricas.

O silêncio como resalta Bardi, é protagonista importante nesta pintura de uma uruguaia errante, que precisa se aferrar a espaços ordenados e à calma, contraponto ao século das siglas, ao século horrível do Holocausto y do Gulag, ao século das ditaduras latino-americanas, especialmente sangrentas no Cone Sul...

Século vivido por ela: menina e adolescente na Itália fascista, adulta que num momento dado teve que fazer as malas e encontrar refúgio no vizinho Brasil, como em outros momentos anteriores certos intelectuais brasileiros encontraram refúgio no Rio da Prata.

Pintora para pintores, como em seus dias foram Morandi, ou o “nabi” e intimista Bonnard, também citado por Nelson Di Maggio em seu já mencionado texto. Pintora para degustadores de pintura sem etiquetas, sem adjetivos.

Lhes deixarei a palavra final a um dos colegas e amigos de Linda Kohen, o raro e secreto Guillermo Roux, um artista argentino cuja obra tem merecido a análise entusiasta de meu amigo Jean Clair, e que numa carta à sua colega e amiga por motivo de sua exposição porteña de 2010, lhe dizia, entre outras coisas, o seguinte: “tudo é tão verdadeiro, tão honesta e profundamente humano que tua mensagem chega ao mais íntimo”.



Série TTG - Flores Cartuchos, 1952



Série TTG - Bouquet de flores, 1953



Série TTG - Naturaleza muerta, 1956



Série TTG - Bouquet de flores, 1959



Calle Ituzaingo y 25 de Agosto, 1960



Série Taller - Caja Celeste, 1960



Série TTG - Puerto de Montevideo, 1962



Série TTG - Puerto de Montevideo, 1964





Série Taller - Galpon Rojo, 1963



Série Taller - Casa Vieja Bar Bilz, 1963



Almacén, s.d.



Série Paysage - Cajas, Rambla Centro, 1970



Casarios, s.d.



Compañía de Gas, s.d.



Série San Carlos - Calle de San Carlos, 1991



Série San Carlos - Esquina de San Carlos, 1991



Série San Carlos - Torre cielo azul, 1991



Série Interiores - Corredor Simetria, 1998



Série Cajas - Cajas con un rojito, 1987



Série Cajas - Caja Fea, 1988



Série Cajas - sem título, 1988





Série El Peñasco - Recordando a Giotto, 1990



Série El Peñasco - Peñasco en La Luz, 1990



Série El Peñasco - Fachada, 1990



Série El Peñasco - En el Atardecer, 1990



Série El Peñasco - Ventana I, 1991



Série El Peñasco - Ventana II, 1991



Série El Peñasco - La Persiana Cerrada, 1991



Série Interiores - Piso Rojo Mesa, 1992



Série Los Ejecutivos - Mesa de Directoria, 1993



Série Los Ejecutivos - 4 Ejecutivos, 1993



Série mesas - La Gran Mesa, 2009



Série Camas - Lateral con applique, 2003



Série Camas - Cama destendida, 2003



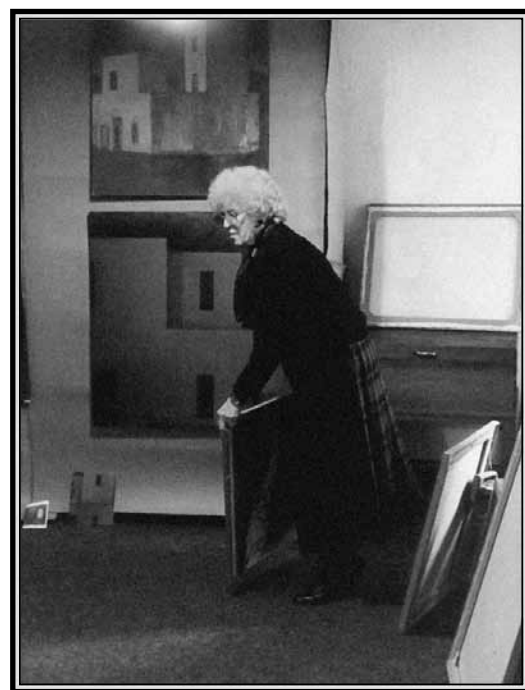


Série Mesas - Mesa 3 platos, 2009

LINDA KOHEN		Nueva Congregación Israelita, Montevideo, Uruguay
	1995	Sala de Exposiciones OEA, Buenos Aires, Argentina
EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS		Museo de Arte Americano de Maldonado, Uruguay
2011		Galeria Moretti, Montevideo, Uruguay
2010		Museo de Arte Moderno, Buenos Aires, Argentina
2009		Museo de Arte Americano de Maldonado, Uruguay
2008		Museo de Arte Americano de Maldonado, Uruguay
2007		Museo de Arte Americano de Maldonado, Uruguay
2005		Museo de Arte Americano de Maldonado, Uruguay
2004		Museo de Arte Americano de Maldonado, Uruguay
2003		Museo de Arte Americano de Maldonado, Uruguay
2001		Museo de Arte Americano de Maldonado, Uruguay
1999		Museo de Arte Americano de Maldonado, Uruguay
1998		Museo de Arte Americano de Maldonado, Uruguay
1997		Museo de Arte Americano de Maldonado, Uruguay
	1995	Museo de Arte Americano de Maldonado, Uruguay
	1994	Museo de Arte Americano de Maldonado, Uruguay
	1991	Museo de Arte Americano de Maldonado, Uruguay
	1988	Museo de Arte Americano de Maldonado, Uruguay
	1987	Museo de Arte Americano de Maldonado, Uruguay
	1985	Museo de Arte Americano de Maldonado, Uruguay
	1984	Museo de Arte Americano de Maldonado, Uruguay
	1982	Museo de Arte Americano de Maldonado, Uruguay
	1981	Museo de Arte Americano de Maldonado, Uruguay

1978	Galeria Atica, Buenos Aires, Argentina	Municipal de Montevideo, Uruguay
1977	Galeria Arte Múltiple, Buenos Aires, Argentina	Montevideo Shopping, Montevideo, Uruguay
1975	Galeria Trilce, Montevideo, Uruguay	Artistas del Cono Sur, Colonia, Uruguay
1971	Galeria Moretti, Montevideo, Uruguay	1996 Murales de Montevideo, Montevideo, Uruguay
		Galeria Sur, Punta del Este, Uruguay
EXPOSIÇÕES COLETIVAS		1995 Arte BA, Buenos Aires, Argentina
2010	Las Vertientes Centro Cultural, Maldonado, Uruguay. Muestra Inaugural	Paço das Artes, São Paulo, Brasil
2009	Museu de Arte de São Paulo. Exposição comemorativa do 60º aniversário do Museu. “A Natureza das Coisas” MASP, São Paulo, Brasil	Art Miami, Miami, USA
2007	52º Salón Nacional, María Freire, Montevideo, Uruguay	1994 Embajada Mujeres de América, Museo Artiguista, Maldonado, Uruguay
2004	51º Salón Nacional, Museo de Artes Visuales, Montevideo, Uruguay	1993 “4 en Maldonado” Museo de Arte Americano de Maldonado, Uruguay
2003	Galeria Puerta de San Juan, Montevideo, Uruguay	“Muestra de Arte Cristiano”, Cabildo de Montevideo, Uruguay
2002	50º Salón Nacional, Museo de Artes Visuales, Montevideo, Uruguay	“Immagini” Pintores de origen Italiano, Cabildo, Montevideo, Uruguay
2001	90º Aniversario Museo de Artes Visuales, Montevideo, Uruguay	1992 “Muestra de Arte Cristiano”, Librería Linardi, Montevideo, Uruguay
	49º Salón Nacional de Artes Visuales, Montevideo, Uruguay	A Maldonado, Museo de Arte Americano de Maldonado, Uruguay
2000	Artistas Latinoamericanos Galeria de Arte Ana María Matthei, Santiago, Chile	Fundación Cepa, La Plata, Argentina.
1998	Homenaje a Anna Frank, NCI, Uruguay	“40 Artistas Latinoamericanos” OEA, Buenos Aires, Argentina
	Naturaleza Muerta, Galeria Sur, Punta del Este, Uruguay	1988 40 anos do Estado de Israel, Montevideo, Comunidade Israelita, Uruguay
	“Mujeres” Museo de Artes Visuales Montevideo, Uruguay	Galeria Sur, Punta del Este, Uruguay
1997	Embaixada do Brasil, Buenos Aires, Argentina	1987 Muestra de Arte Cristiano, Cabildo, Montevideo, Uruguay
	100 Años del Lycee Francais, Intendencia	1986 Centro de Estudios Judaicos, Montevideo, Uruguay
		35º Aniversario de Cinemateca Uruguiaia, Montevideo, Uruguay
		1985 Mujer Uruguiaia en el Arte, Intendencia

- Municipal de Montevideo, Uruguai
- 1984 “A figura Humana” Galeria Tenda, São Paulo, Brasil
- “Artistas plásticos Judeus” Museu da Arte Brasileira, São Paulo, Brasil
- 1982 4 Pintoras, Galeria ACA Buenos Aires, Argentina.
- Sotheby’s, Nova York
- 1981 “Italia – Brasil” Museu de Arte de São Paulo, Brasil
- 1978 Galeria Arte Múltiple, Buenos Aires, Argentina
- 1977 Workshop International Jewish Women, Montevideo, Uruguai
- 1976 “Lo mejor del año” Galeria Alianza francesa, Montevideo, Uruguai
- 1949
- a
- 1970 Taller Torres García, Galeria Moretti, Salón Municipal, Uruguai



Linda Kohen em seu *atelier*

## RELAÇÃO DAS OBRAS

pg. 22



Série TTG - Flores Cartuchos  
1952  
42 x 35 cm  
óleo sobre cartão  
ass: c.i.e.

pg. 23



Série TTG - Bouquet de flores  
1953  
51 x 41 cm  
óleo sobre cartão  
ass: c.i.d.

pg. 24



Série TTG - Naturaleza muerta  
1956  
35 x 42 cm  
óleo sobre cartão  
ass: c.i.d.

pg. 06



Série TTG- Naturaleza muerta  
con Afiche Muestra del TTG  
1958  
34 x 45 cm  
óleo sobre tela  
ass: c.i.d.

pg. 25



Série TTG - Bouquet de flores  
1959  
42 x 36 cm  
óleo sobre cartão  
ass: c.i.d.

pg. 26



Calle Ituzaingo y 25 de Agosto  
1960  
40 x 50,4 cm  
óleo sobre cartão  
ass: c.i.d.

pg. 27



Série Taller - Caja Celeste  
1960  
30 x 40 cm  
óleo sobre cartão  
ass: c.s.e. e c.i.e.

pg. 29



Série TTG - Puerto de Montevideo  
1962  
42 x 53 cm  
óleo sobre cartão  
ass: c.i.e. e verso

pg. 32



Série Taller - Galpon Rojo  
1963  
20 x 29 cm  
aquarela sobre papel  
ass: c.i.d.

pg. 63



Série Taller - Casa Vieja Bar Bilz  
1963  
18 x 20 cm  
óleo sobre cartão  
ass: c.i.d. e verso

pg. 31



Série TTG - Puerto de Montevideo  
1964  
40,5 x 51 cm  
óleo sobre tela  
ass: c.i.d.

pg. 36



Série Paisaje - Cajas, Rambla Centro  
1970  
40 x 50 cm  
óleo sobre cartão  
ass: c.i.d. e verso

pg. 35



Almacén  
s.d.  
39 x 50 cm  
óleo sobre cartão  
ass: c.i.d.

pg. 37



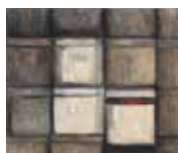
Casarios  
s.d.  
39 x 50 cm  
óleo sobre cartão  
ass: c.i.e.

pg. 39



Compañía de Gas  
s.d.  
39 x 50 cm  
óleo sobre cartão  
ass: c.i.d.

pg. 45



Série Cajas - Cajas con un rojito  
1987  
60 x 70 cm  
óleo sobre tela  
ass: c.i.d.

pg. 46



Série Cajas - Caja Fea  
1988  
60 x 70 cm  
óleo sobre tela  
ass: n.a.

pg. 47



Série Cajas - sem título  
1988  
60 x 70,5 cm  
óleo sobre tela  
ass: c.i.d.

pg. 48



Série El Peñasco - Recordando a Giotto  
1990  
81 x 65 cm  
óleo sobre tela  
ass: verso

pg. 49



Série El Peñasco - Peñasco en La Luz  
1990  
90 x 74 cm  
óleo sobre tela  
ass: verso

pg. 50



Série El Peñasco - Fachada  
1990  
92 x 73 cm  
óleo sobre tela  
ass: verso

pg. 51



Série El Peñasco - En el Atardecer  
1990  
80 x 60 cm  
óleo sobre tela  
ass: verso

pg. 53



Série El Peñasco - Ventana I  
1991  
73 x 60 cm  
óleo sobre tela  
ass: verso

pg. 54



Série El Peñasco - Ventana II  
1991  
73 x 60 cm  
óleo sobre tela  
ass: verso

pg. 55



Série El Peñasco - La Persiana Cerrada  
1991  
74 x 60 cm  
óleo sobre tela  
ass: verso

pg. 42



Série San Carlos - Torre cielo azul  
1991  
72,5 x 92 cm  
óleo sobre tela  
ass: n.a.

pg. 41



Série San Carlos - Esquina de San Carlos  
1991  
92 x 73 cm  
óleo sobre tela  
ass: verso

pg. 40



Série San Carlos - Calle de San Carlos  
1991  
92 x 73 cm  
óleo sobre tela  
ass: verso

pg. 57



Série Interiores - Piso Rojo Mesa  
1992  
91 x 73 cm  
óleo sobre tela  
ass: c.i.d.

pg. 60



Série Los Ejecutivos - 4 Ejecutivos  
1993  
73 x 92 cm  
óleo sobre tela  
ass: c.i.d.

pg. 59



Série Los Ejecutivos - Mesa de Directoria  
1993  
73 x 92 cm  
óleo sobre tela  
ass: c.i.d.

pg. 43



Série Interiores - Corredor Simetria  
1998  
92 x 73cm  
óleo sobre tela  
ass: c.i.d. e verso

pg. 62



Série Camas - Lateral con aplique  
2003  
100 x 100 cm  
óleo sobre tela  
ass: c.i.e.

pg. 63



Série Camas - Cama destendida  
2003  
73 x 92 cm  
óleo sobre tela  
ass: c.s.d.

pg. 65



Série Mesas - Mesa 3 platos  
2009  
100 x 100 cm  
óleo sobre tela  
ass: c.i.d.

pg. 61



Série mesas - La Gran Mesa  
2009  
100 x 150 cm  
óleo sobre tela  
ass: c.i.d.

DAN GALERIA

Organização  
Gláucia Cohn

Diretor  
Peter Cohn

Diretor de Arte Contemporânea  
Flávio Cohn

Coordenação  
Ulisses Cohn

LIVRO

Texto  
Juan Manuel Bonet

Tradução  
Andrea Tissenbaum

Fotografia  
Obras: Sérgio Guerini

Projeto gráfico e produção gráfica  
Maína Junqueira - Mai Design

Tratamento de imagem  
Mai Design

Provas digitais e Impressão  
Pancrom

Tiragem  
1800

ASSESORIA DE COMUNICAÇÃO  
Mariana Amaral Comunicação

COORDENAÇÃO  
DAS EXPOSIÇÕES DA ARTISTA  
Martha Kohen



rua estados unidos, 1638  
01427-002 são paulo sp brasil  
tel 55 11 3083 4600  
www.dangaleria.com.br

Exposições simultâneas da artista:

Buenos Aires - Argentina  
de 16 de março a 1º de abril, 2011



Miami - Flórida, EUA  
de 1º de abril a 3 de maio, 2011



Montevideo - Uruguai  
de 28 de abril a 26 de maio, 2011



Bonet, Juan Manuel

Linda Kohen: o silêncio revelado. São Paulo :  
Dan Galeria, 2011.  
72 p. ; Il.

ISBN:

1. Kohen, Linda Olivetti, 1924 - 2. Artes Plásticas - América Latina - Século 20.
2. Pintura - América Latina - Século 29 I. Título.

CDD 759.98

Letícia de Almeida Sampaio CRB: 8/4032